

## MEMÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: O DESVELAR DA IDENTIDADE DOCENTE NAS ESCOLAS DA ROÇA

Edilange Borges de Souza<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz<sup>2</sup>

*Resumo:* A presente pesquisa objetiva realizar um estudo autobiográfico com professoras aposentadas de escolas da roça com o intuito de colher, através de suas memórias, as imagens e representações que elas fazem de si e do exercício da docência no ambiente rural. Visto que a singularidade que o ambiente da roça apresenta, demanda um estudo para que possamos detectar os ganhos e as perdas de uma docência voltada para um currículo que se quer diferenciado, mas que por vezes o Sistema Educacional ignora tal necessidade. Desse modo, a pesquisa é qualitativa e utilizará o método autobiográfico como base para desenvolvermos descrições e analisarmos as falas de caráter confessional das depoentes. Para isso, usaremos instrumentos de coletas como: entrevistas narrativas e grupos focais. E como instrumentos de análise serão utilizadas a análise de conteúdo e do discurso. Assim sendo, demarco a relevância dessa pesquisa como um observatório de interpretação da memória de professoras da escola da roça, vislumbrando encontrar caminhos mais precisos para promovermos um estudo teórico que minimize os conflitos curriculares e didáticos advindos da prática pedagógica desse profissional.

*Palavras-Chave:* Educação. Roça. Docência. Identidade. Memórias

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas (BUARQUE, 2009, p. 41).

A memória é um cofre onde estão guardadas histórias de uma vida e destas as experiências formadoras carregadas de valores, representações, marcas positivas e negativas... Ou seja, as memórias desenham um percurso que atravessa obstáculos, dificuldades, medos, momentos felizes, e tristes, construções e desconstruções.

Como enfatiza Buarque (2009), na epígrafe que anuncia esse artigo, fuçando a memória encontramos tudo o que queremos e até o que não queremos. Assim, é no fuçar das memórias que encontro a minha infância na roça, brincando com a areia do quintal, no balanço pendurado nas árvores construído por meu pai ou curtindo com minhas irmãs a rede na varanda. E são elas, as minhas memórias, que me levam a tecer esse diálogo sobre a educação na roça apresentando alguns processos que a configuram, como por exemplo, as histórias de vida de professoras aposentadas e o percurso que elas trilharam na construção da identidade docente uma vez que estas não eram professoras por formação, eram leigas e suas habilidades para exercer o Magistério eram as mínimas.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: langeborgess@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: fatimaberenice@terra.com.br

Vale salientar e acredito ser importante externar a minha utilização do termo *roça*. A roça é o espaço onde nasci, cresci, comecei construir o meu aprendizado, conheci a escola multisseriada, criei gosto por ela e pela e amada professora “leiga”. Assim sendo, trata-se de uma questão inteiramente de identidade pessoal. Na minha concepção a roça não é apenas um lugar de labuta, de trabalhos árduos. Esse termo é muito estigmatizado por muitos, até mesmo pelos sujeitos que vivem nestes espaços, mas entendo o porquê. Evocando minhas memórias de criança ainda no ensino fundamental, já estudando na cidade, constantemente muitos colegas diziam “lá veem as formigas... quem mora na roça é formiga”. Todavia eu quase nunca me encontro falando: “eu moro na zona rural”, ou “eu vou para a zona rural”. Ainda em meio as minhas memórias, lembro-me das primas dizendo: “esse final de semana iremos todos para roça.” Desse modo, o termo roça significa o meu lugar de pertencimento, o espaço de configuração da minha subjetividade.

A profissão docente é impregnada de sentidos desde o tornar-se docente ao desempenho do fazer docente. Sentidos estes construídos nas relações familiares, na comunidade e nos diversos outros fazeres, por isso se considera que a pesquisa autobiográfica atualmente se configura como a mais adequada no cenário dos estudos relacionados à educação, esta que é intimamente ligada à formação de sujeitos. Nesta concepção Delory-Momberger (2011, p. 49) ressalta:

Na verdade, a relação entre pesquisa biográfica e formação é uma relação privilegiada e mesmo uma relação original, pois foi no quadro de formação que emergiu a ideia de que “fazer história de vida” - ou seja, construir uma narrativa de sua própria existência- podia, em certas condições, ter um efeito formador e abrir possibilidades de transformação. [...] A partir da narrativa pessoal, a corrente das histórias de vida traduz e transpõe no domínio da formação um processo mais geral, que é aquele da maneira pela qual os indivíduos se apropriam do mundo histórico, social, cultural no qual eles vivem.

Assim sendo, o excerto acima evidencia a maneira intensa que a autobiografia favorece as pesquisas no âmbito educacional, pois ela engloba essencialmente a originalidade, a reflexão e a ressignificação das histórias vividas. A educação é um campo minado de subjetividades, de complexidade e de troca mútua entre sujeitos. Assim sendo, desenvolver este estudo é também revelar as vivências e a diversidade presente no cotidiano rural, sobretudo aquelas que se configuram no espaço escolar, como a pedagogia desenvolvida nas classes multisseriadas e a partir dela a constituição da identidade docente das professoras.

Trata-se de uma pesquisa que toma como base os pressupostos teóricos metodológicos da pesquisa qualitativa e do método (auto)biográfico com o uso das entrevistas narrativas como técnica escolhida para a coleta de dados.

A pesquisa conta com a colaboração de duas professoras aposentadas uma da Comunidade rural de Quizambu, Menta<sup>3</sup>,Alagoinhas Ba e outra da comunidade rural de Sítio Novo, Mar,<sup>4</sup> Ouriçangas Ba.

Falar da história da educação na roça é sem dúvida essencial para poder entender como esta se configurou neste espaço que na maioria das vezes sempre foi deixada para planos segundos, como ressalta Rios (2015, p. 25) “nestes espaços, a educação sempre foi silenciada e relegada a segundo plano”. Desse modo, poderemos perceber através das memórias narradas pelas professoras aposentadas o reflexo do fazer docente experienciados por elas no processo de escolarização dos muitos cidadãos moradores das mais diversas comunidades rurais dentre estas Sítio Novo e Quizambu.

Rios (2015) evidencia o processo inicial de escolarização nestes lugares tidos como pacatos, distantes, isolados, entre outros rótulos, assim sendo a partir da abordagem da autora apresento um breve histórico da trajetória da educação na roça.

O ruralismo pedagógico surge entre 1910/1920 que tinha como objetivo adequar as escolas às condições locais fazendo com que o homem do campo aprendesse de acordo ao seu contexto e permanesse na roça, assim também era uma maneira de conter um alto número de pessoas evadindo para a cidade. Desse modo, vão surgindo as estratégias de formação para professores atuarem nas escolas rurais. Nessa perspectiva Rios (2015) evidencia: “[...] começa-se a surgir a preocupação específica com a formação específica do (a) docente rural [...]”. Muitos programas são criados, a formação se faz urgente e necessária e no ano de 1930 surge em Feira de Santana a primeira escola normal rural da Bahia e seu objetivo segundo Rios (2015, p. 28) “era formar docentes capazes de exercer o magistério primário na zona rural”.

Todavia, em muitas localidades rurais ou pode-se até dizer a maioria delas no território brasileiro não contavam com docentes formados para atuarem nas salas de aulas. Assim por longas décadas quem assumiam estas salas de aula geralmente era alguém com os sabres mínimos, mas considerados pela comunidade e também pelas autoridades a pessoa ideal para contribuir na formação de meninos e meninas das escolas na roça.

---

<sup>3</sup> Menta é uma flor que significa memória por seu cheiro ser duradouro e forte, assim para caracterizar a colaboradora por ter uma memória presente, por ser uma mulher forte, dona de autonomia singular escolhi essa metáfora para assim também homenagear a pesquisa cujo objeto de estudo são as memórias.

<sup>4</sup> colaboradora recebe este nome na pesquisa por possuir uma riqueza imensa de vivências presentes nas suas narrativas.

## LIGANDO MEMÓRIA, HISTÓRIA E ORALIDADE

A narrativa de si permite a cada um se ver e ver o outro, numa produção de imagens configuradas para o próprio sujeito que se narra de modo que este se revela e cria a imagem que ele tem dele para ele e dele para o outro, ou seja, é um jogo que produz, sobretudo, a reflexão de si. Neste sentido, Delory-Momberger (2008, p. 56) afirma que:

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. Portanto, a narração não é apenas o instrumento da formação [...] a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida.

Assim sendo, a partir do exposto pretendo buscar através das histórias de vida de professoras aposentadas da roça e que desenvolveram o exercício da docência neste espaço, a constituição indenitária destas no percurso pessoal e profissional, a partir dos seus modos de vida produzidos e (re)construídos ao longo dessa trajetória, que segundo Nóvoa, (1991, p. 123) “a história da profissão docente é indissociável do lugar que seus membros ocupam nas relações de produção e do papel que eles jogam na manutenção da ordem social. Os docentes não vão somente responder uma necessidade social, mas também vão criá-la.” O autor vem reforçar a concepção que identidade profissional docente se constitui nas relações entre a pessoa e suas vivências particulares e profissionais. A identidade se constrói e se transmite.

Desse modo, as narrativas apontam sinais de (re)construção, de imagens, de práticas no fazer e do ser docente, apontam os desafios e os enfrentamentos de recriar, de planejar e até mesmo de mudar de posturas profissionais e pessoais oportunizando novas maneiras de aprender e compartilhar conhecimentos. As narrativas desvelam, sobretudo, como as relações sociais são administradas. Nessa perspectiva Bosi (2009, p. 17) enfatiza a importância dessas relações afirmando que: “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” O que Bosi apresenta é defendido por Halbwachs (1990), pois para o autor a memória coletiva dirige-se a uma identidade coletiva configurada pelas imagens e ideologias representadas por um grupo, que para Pereira (2013, p. 98). “A memória coletiva diz respeito a um acontecimento que teve lugar na vida de um determinado grupo; e que em um determinado momento o grupo evoca as lembranças vivenciadas.” Nessa mesma concepção Halbwachs (1990) evidencia que cada memória individual é um ponto ligado a memória coletiva e que os nossos movimentos de entrada e saída (grifos meus) vão desligando esses pontos de coletividade, pois sempre tendemos a pertencer a novos grupos, daí isso nos conduz a evocar lembranças passadas que se tornam pertinentes para explicar as ações do grupo atual, assim ele ressalta, “é como se elas (as

lembranças) não pudessem escapar aos outros se não na condição de escapar também a nós próprios.” (HALBWACHS, 1990, p. 49).

É nesse tocante que a história, a memória e a oralidade estão ligadas, por isso se faz importante apresentar esses conceitos, para melhor compreensão e consistência deste trabalho. Nesse sentido, a importância de discutir sobre oralidade principalmente para as pesquisas autobiográficas é porque, “A oralidade pode ser classificada como uma das características mais primárias da raça humana. Oralidade no sentido de que tudo começa pela própria boca. As primeiras relações com o mundo externo, por exemplo, acontecem na fase oral, ainda na infância” (CUNHA, 1999p. 143). Ou seja, a memória é o ponto de configuração da história e a oralidade é concretização destas por meio da fala. Como ressalta Marcuschi,

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal de indivíduos (MARCUSCHI, 2005, p. 36).

Nessa perspectiva, Marcuschi (2005) ressalta que a oralidade é a prática social com objetivos comunicativos, realizada pela fala, essa, considerada representação e uso da língua, sendo que há uma diversidade de utilização da língua, como a escrita, as imagens, os sinais por exemplo. O autor reforça a ideia de que a oralidade é parte imprescindível da linguagem humana e que as outras formas de linguagens são apenas elementos aditivos às práticas comunicativas.

Desse modo as palavras de Przybylski,(2014, p. 77) são significativas para reforçar a concepção que memória, história, oralidade se entrecruzam, pois “A pesquisa aqui apresentada entende que a literatura não precisa ser só escrita: ela é também oral. Faz parte dela a escuta, a fala, a escrita e a leitura, porque todos esses pilares serão formadores das histórias que os sujeitos irão narrar”

Nessa mesma concepção ZILBERMAN (2006, p. 124) evidencia:

O narrar, por sua vez, supõe a presença de ouvintes, e estes não são indivíduos isolados, mas o grupo: a narração só tem sentido se dirigida ao coletivo. Pela mesma razão, depende da oralidade [...] A oralidade é igualmente expressão mais credenciada da memória, conforme o estudo sobre o narrador, aproximando não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes.

Portanto, partindo dessa concepção onde vidas e narrativas estão entrecruzadas que ao evidenciar as experiências de vida-formação narradas pelas professoras poderemos identificar os retratos das escolas da roça e, sobretudo, dar visibilidade ao papel desempenhado por estas mulheres que contribuíram significativamente para formação de muitos cidadãos para o exercício ativo dos papéis sociais.

## **MEMÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: O LUGAR DAS NARRATIVAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

A memória, por natureza, remete ao passado, razão por que se associa à história. (ZILBERMAN 2006, p. 117)

Diante exposto, apresento a construção, de num novo papel identitário de mulheres antes lavradoras, donas de casa, esposas, mães e que num certo momento se tornam e se identificam como professoras. Nessa perspectiva, Rios (2011, p. 130) evidencia,

A Identidade é construção social, movimento dialético, que explica o homem como constituído por determinações sociais, históricas e culturais. A identidade social (pessoal e coletiva) se constitui nas dinâmicas dessas relações, nas experiências de vida de cada indivíduo e/ou grupo social, com a estrutura social, sobretudo com os outros.

Assim, com base na inferência citada é válido considerar identidade humana se constitui como fenômeno social e traz consigo outras identidades que são pressupostas, padronizadas ou previamente definidas. Para cada papel social, há identidade pressuposta, que pode ser posta e repostada.

Dessa forma, segundo as concepções de Hall, (2002) não se tem uma identidade definida, somos formados por identificações fragmentadas, porque perpassam constantemente por diversos processos passíveis de mudanças e o autor afirma que “esses processos de mudança são tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é própria modernidade que está sendo transformada” (HALL, 2002, p. 9-10).

Nesta concepção de Hall, no que tange a questão da identidade, Boaventura Santos (2005) enfatiza que hoje as identidades culturais não são rígidas, muito menos imutáveis. O autor afirma que estas são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Dai o autor ressalta que identidades são identificações em curso. O autor defende a ideia que a questão da identidade é semifictícia e seminecessária. Assim, Santos (2005) destaca que à questão da identidade se traduz sempre numa reinterpretação fundadora configurada num enorme jogo de polissemia, estas identidades são plurais e são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Desse modo, define-se as identidades como pontos móveis, temporário obedecendo às posições que os sujeitos ocupam reafirmando as práticas discursivas que constroem para si e para os outros. Assim, Rios (2011, p. 140) evidencia que: “como construção social e discursiva, a identidade é uma ficção, uma ilusão, um pertencimento inventado e, sobretudo, um efeito de poder em que alguém pode falar em nome do outro, dizer quem é o outro, estabelecer o seu “regime de verdade”.

Nessa concepção, Santos também ressalta que o que sabemos de novo sobre os processos de identidade e de identificação, mesmo não sendo muito, é, contudo, precioso para avaliar as transformações pelas quais passa a teoria social em função da quase obsessiva preocupação com a questão da identidade que a tem dominado nos últimos tempos e que, tudo leva a crer, continuará a dominá-la no tempo atual.

Seguindo a linha dos discursos acima, Canclini (2005) evidencia que “a identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra”. Assim as identidades vão se desenhando, se definindo de acordo aos papéis desenvolvidos e assim as experiências vão gerando aprendizagens colocando as subjetividades num lugar significativo e a cada dia estas vão se configurando pelas múltiplas diferenças que vão emergindo das práticas discursivas, sociais, culturais e assim os espaços de tempo e formação da/dos docência/ docentes vão se compondo. Como podemos perceber na voz da professoras:

Ser professora? Como ser professora se não estudei para ser professora? Meu sogro disse: pra ser professora não precisa de estudo basta saber ler e escrever (Menta)

Comecei a ser a ser professora aqui assim: tinha uns jovens que queriam aprender alguma coisinha e sabiam que eu sabia passar alguma coisa e me pagavam uma merrequinha para eu dar aulas para eles. Comecei ensinando particular.

Um vereador, passando por aqui ficava invocado me vendo ensinar os meninos nessa mesma sala aqui.

Em 1964 ele me conquistou para ensinar, mas eu já ensinava particular de 60 a 63. Quando ele ficava me conquistando eu Dizia: eu não sei ensinar, eu não sou professora formada.

Dai ele dizia, mas que nada d. Mar eu sei que a senhora aqui tem condições de ensinar que os meninos aqui não sabe de nada. Eu encontrei a senhora ensinando particular ensinando até bem, as quatro operações de conta, pode fazer um ditadozinho, uma cópia... assinar o nome já tá de bom tamanho... eu to gostando muito da maneira da senhora ensinar. Vou arrumar uma escola pra senhora ensinar.

E eu continuei a dizer: eu não quero de jeito nenhum. Não tenho estudo para ser professora.

Quando é um dia eu to aqui ele chega pra me levar pra Ouriçangas. Fez os meninos pegar o cavalo e me montar para ir pra Ouriçangas. Cheguei lá dei minha assinatura e passei a ensinar o b-a-bá ( Mar, 78 anos)

Consoante as narrativas apresentadas Rios (2015, p. 40) ressalta:

[...] identidade é uma política de posições e de sentidos, logo a maneira como os (as) docentes se posicionam ou são posicionados nos discursos escolares produz a forma de ser e estar desses sujeitos no mundo, estando presentes, por tanto, em suas histórias de vida- formação- profissão.

Nessa perspectiva criar estratégias e assumir uma nova identidade foi necessário, num espaço (roça) que segundo Rios (2015) só começa a ser pensado constitucionalmente nas primeiras décadas do século XX e por sinal com lançamentos residuais. Assim, identidade de professora vai sendo criada e recriada no contexto da sala de aula.

[...] dava aula a “migué” [...] eu não preparava aula eu imaginava o que ia fazer e pegava o livro [...] seguia os livros, elas davam tipo um guia, os livros didáticos [...] não sabia de nada, elas orientavam um pouco na secretaria, mas era um boletim uma coisa assim [...] depois que eu peguei toda base do ensino botei mais pra lá [...] Sim, aí depois que eu me formei eu preparava aula todo dia [...] depois que eu fiz o curso eu comecei a fazer certo preparava aulas e tudo [...] resultado: voltei como formada se eu já fazia tudo aí dobrei [...]( Menta)

A identidade docente é evidenciada na fala da professora no momento em que há mobilidade do lugar de leiga para professora concursada. O lugar de leiga é revelado como um entre-lugar na profissão, um lugar de passagem, de constituição social da profissão na roça. A formação acadêmica reforça/ efetiva a identidade de professora.

As estratégias pedagógicas criadas e recriadas no cotidiano da sala de aula também formam o alicerce identitário das professoras que inicialmente diziam: “[...] eu não sei ensinar, eu não sou professora formada [...]” (Mar) e no constante movimento das práticas se afirmam professoras com habilidades e competências, e que desenvolveram seus papéis com responsabilidade e compromisso conseguindo assim alcançar os objetivos a missão que lhes foram designadas:

A maneira que eu ensinava a ler era assim: assim que eu matriculava eu já pedia o abc. A primeira coisa que eu começava ensinar era o nome e as letras do abc. Depois eu passava para o b-á-ba, b-é-bé, b-í-bi... E eu ainda tinha essa maneira de perguntar: b com a? B com o”.  
Os meninos aprenderam soletrando. E hoje? Os meninos hoje não aprendem mais a soletrar.  
Hoje tem palavras que menino separa é o pecado que ele separa tipo transporte... agora se ele lesse soletrando...eu também ensinava soletrar batendo na mesa. Trans-por-te. Quantas sílabas tem a palavra transporte? Tartransportete...  
Sem soletrar ele não aprende (Mar)

O que podemos perceber ao longo das narrativas é que as professoras produziram sua profissão em meio à escola da roça que elas construíram a partir dos movimentos de formação, marcando as diversidades e os desafios da profissionalização conquistada na docência da/na roça, encontrando-se ainda num movimento contínuo de busca pela visibilidade desta profissão, algo que não restringe apenas à docência nos espaços rurais, mas em todos os demais espaços de atuação dos profissionais da educação.

Despertando suas memórias as professoras ao falarem de si das suas experiências como professoras da roça puderam se ver na representação dos seus papéis. Historicizaram, ao narrarem como se configurou o início da escolarização no meio rural; apontaram a constituição da identidade

docente formada pela experiência cotidiana nas salas de aula da roça assim como desenharam os retratos da escola e a importância de criar e recriar o fazer docente nestes espaços.

As narrativas autobiográficas das professoras revelam os impactos que elas causaram nas comunidades e denunciam que é preciso se pensar na educação para sanar a crise que perpassa no processo de ensino aprendizagem. Pois, nas entrelinhas elas dizem: “eu não era professora formada, mas consegui formar alunos não apenas só lendo e escrevendo, mas também com outras habilidades e hoje o que está acontecendo?”

As narrativas evidenciam como o falar de si é significativo e resignificativo, pois exige um trabalho de reflexão sobre práticas experimentadas. Desse modo este estudo trouxe para o cenário papéis que muitas vezes são esquecidos e que as memórias despertam. Esse trabalho não foi apenas um exercício de relembrar por relembrar, foi um exercício de reconstrução, reflexão e formação. Desse modo, Bosi, (1994, p. 55) ressalta: “lembrar não é só reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

## REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009

CANCLINI, N.G. *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CUNHA, Mágda. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico: uma análise do emissor em “Gaúcha Hoje” e “Flavio Alcaraz Gomes Repórter”. In *Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas*. DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0711-1.pdf>

DELORY-MOMBERGER,Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER,Christine. Os desafios da pesquisa auto biográfica em educação. In: *Memória (auto)biografia e diversidade* (Org.). SOUZA, Elizeu Clementino de. Salvador, EDUFBA. 2011.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós- modernidade*. Trad. Tomaz da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. *Profissão docente na roça*. Salvador: EDUFBA, 2015.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. *Professores da cidade, alunos da roça: identidades e discursos na escola*. Revista da FAEEBA – Educação Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 36, p. 127-136, jul./dez, 2011.

PEREIRA, Àurea da Silva. *Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento*. EDUNEB, Salvador, 2013.

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão *O narrador urbano digital em foco: o caso de Marco Almeida, o Maragato*. Texto Digital, Florianópolis, 2014. v. 10. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: *Pela mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

ZILBERMAN Regina. *Memória entre oralidade e escrita*. v. 41, n. 3. Porto Alegre: Letras de Hoje, PUCRS, 2006.